

COLEÇÃO OUTRAS – PALAVRAS
VOLUME 5

Rizoma temporal

PETER PÁL PELBART

Rizoma temporal

PETER PÁL PELBART

MUITAS “TURAS”

Em visita recente à Escola da Cidade, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha lembrou aos presentes que a arquitetura é um saber solicitante. Seu discurso evocava fortemente uma fórmula feliz, encontrada há certo tempo por Bernard Tschumi para exprimir semelhante ideia por meio de um jogo de palavras. “A arquitetura”, dissera Tschumi, “não a vejo como conhecimento da forma, mas sim como forma de conhecimento”¹. Uma forma de conhecimento do mundo que, por sua natureza, exige o recurso permanente a saberes e domínios que ingenuamente podemos tratar como “extra-arquitetônicos”, mas que, na verdade, não o são. O saber solicitante a que se refere Paulo Mendes é esse espinhoso terreno em que se concentram as mais delicadas sínteses. São sínteses tênues, mas inevitáveis para o exercício de uma profissão cujo escopo é o manejo do cotidiano em si, em suas formas mais complexas, isto é, coletivas e imaginárias.

Essa ideia, por mais contemporânea que seja, representa a afirmação pura e simples de alguns fundamentos filosóficos e epistemológicos, mais do que antigos, ancestrais. Vitruvius já tratava dessas solicitações

1. Tschumi, Bernard (2008). “L’architecture n’est pas une connaissance de la forme mais une forme de connaissance”, in: Lengereau, Éric (org). *Architecture et construction des savoirs*. Paris: Recherches, 2008, p. 212.

ao lembrar seus leitores – com o dedo vertical da norma culta – que a “ciência do arquiteto é ornada de vários saberes e muitas disciplinas”². Muito embora ancorasse o argumento numa apologia da razão prática – que a alta modernidade tratou de complicar –, Vitruvius enunciou e inseriu tais disciplinas num conjunto coerente de deveres formativos e cognitivos aos quais nos mantemos ligados. Isto é, parafraseando e tencionando o romano, sabe-se que o arquiteto hoje deve buscar e construir-se em uma quase infinidade de perspectivas, prestando inclusive atenção a chamados que não têm relação evidente de utilidade com a prática projetual, mas se revelam capazes de lhe garantir a decantação de uma consciência armada, aberta e alerta, permitindo-lhe interpretar forças enigmáticas e intrigantes tanto da natureza quanto da cultura. São saberes que permitem honrar o conselho vivo de Drummond aos jovens, num momento em que o mundo parecia debruçado sobre o abismo da tecnologia embastada: “Inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar para merecerem o espetáculo novo de que estão participando”³. Como inventar esses olhos sem a franca disposição de reconhecer as limitações do estudo disciplinar ou departamentalizado?

2. Vitruvius (c. I a.C.). *Tratado de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 61.

3. Drummond de Andrade, Carlos (1944). “Prefácio para Confissões de Minas”. in: *Obra completa em um volume*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964, p. 506.

São questões desse tipo que esta iniciativa editorial procura enfrentar ou, no mínimo, tangenciar. As “outras palavras” às quais nos referimos são as múltiplas palavras que sempre tiveram espaço na Escola da Cidade, desde a sua fundação, preocupada que é essa escola com a sólida e ampla formação humanista de seus estudantes, professores e colaboradores. Noutras palavras, são também as outras “turas” de que fala Cortázar, na alta intensidade de seu fraseado dançante, no jogo tramado de seus cacós significativos:

A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas.⁴

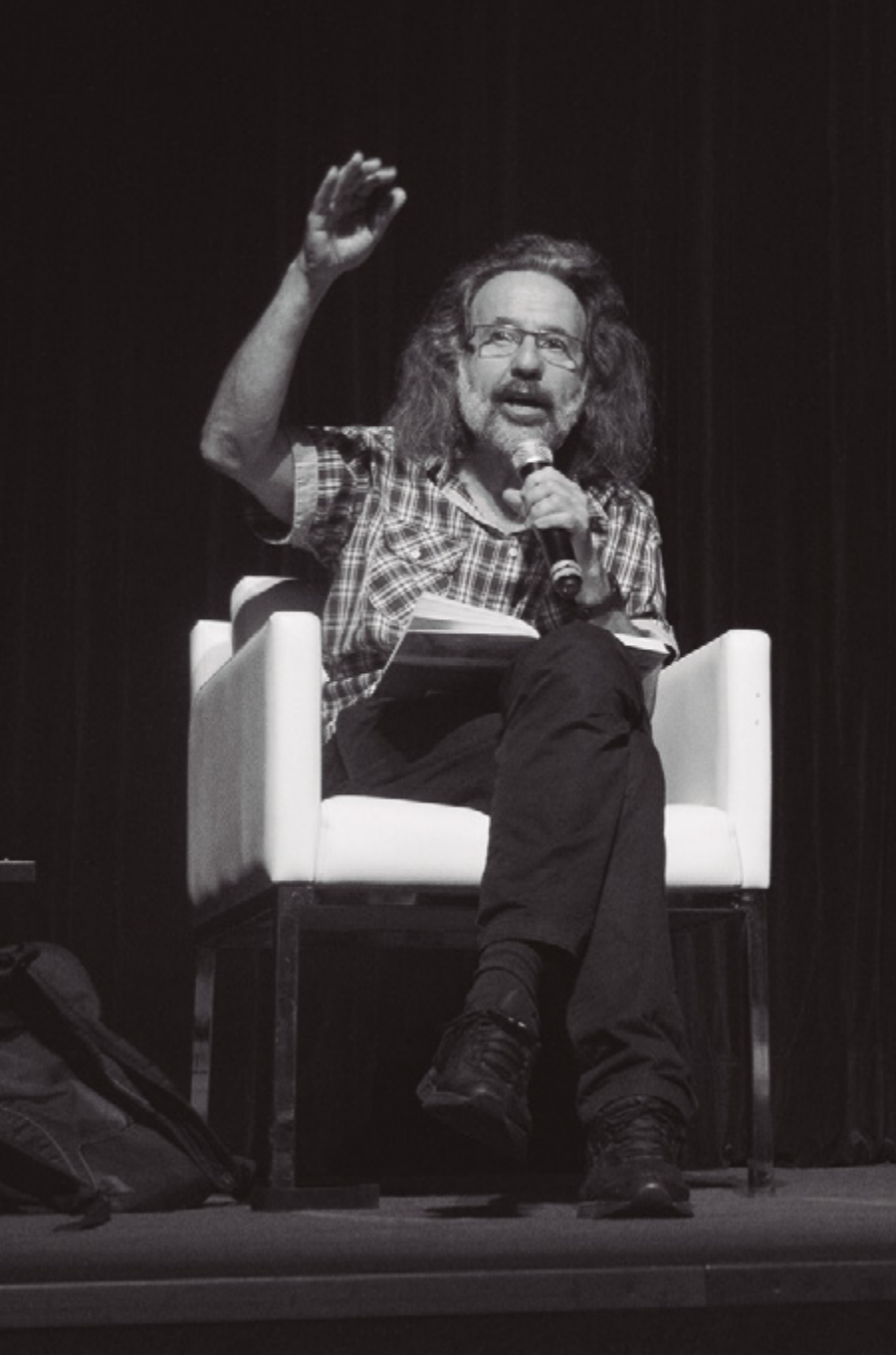
Juntar essas pontas é uma utopia? Esperamos que “turas” e leituras multipliquem-se no tempo, nas mãos e no pensamento de nossos leitores. Por isso, trazemos a público esses livros, essas reflexões recolhidas.

José Guilherme Pereira Leite

Professor da Escola da Cidade

Coordenador do Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea

4. Cortázar, Julio (1963). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 443.



SUMÁRIO

- 08 Rizoma temporal
- 09 As formas do tempo
- 13 A desordem do tempo
- 15 Tempo e multiplicidade
- 17 Tempo pós-moderno
- 19 Tempo contemporâneo
- 21 Tempo e história
- 27 Jubilação e lamúria
- 29 Cartografia e historicidade
- Varições teóricas:
- 32 Imagens de tempo em Deleuze
- 35 Tempo e loucura
- 37 O filósofo e o esquizofrênico
- 39 Tempo e pensamento
- 42 O tempo da criação
- 45 Referências bibliográficas
- 47 Sobre o autor

DIFERENTEMENTE DAS ÁRVORES OU DE SUAS RAÍZES, O RIZOMA CONECTA UM PONTO QUALQUER COM OUTRO PONTO QUALQUER...

(DELEUZE; GUATTARI, 1995)

foto/página anterior: BAU
Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea, julho de 2015.

RIZOMA TEMPORAL

Grande parte das vertigens contemporâneas deve-se a uma brusca alteração em nosso regime temporal. É inegável que estamos às voltas com cronopolíticas emergentes cuja lógica, incidência, amplitude e eficácia mal conseguimos entrever. A insistente tematização filosófica do tempo nesse século que deixamos para trás, de Bergson a Heidegger, passando por Benjamin, foi apenas um dos inúmeros prenúncios dessa situação, e do espanto e da inquietação com que enfrentamos a temporalidade mutante do entorno tecnossocial.

Quais aberturas inauditas aí se inauguram? Que relação haveria entre essas cronopolíticas e as subjetividades que se anunciam? Em vez de tentar responder globalmente a questões de tamanha complexidade, talvez caiba indicar em que medida alguns tópicos de uma pesquisa em torno da problemática temporal em Deleuze poderiam subsidiar, não digo na resposta, ao menos no mapeamento da situação presente e de suas urgências.

AS FORMAS DO TEMPO

Para os sóbrios propósitos desta abordagem, eu parto de uma afirmação tão geral quanto provocativa: o tempo não existe. Isto é, não existe o tempo enquanto tal, ou uma essência do tempo, e sim operadores de tempo, tecnologias que produzem tal ou qual experiência do tempo, vivência do tempo, ideia do tempo, forma do tempo¹. Tomemos a divisão mais simplista proposta por Pierre Levy (1996) sobre três tipos de sociedades, as sociedades primitivas baseadas na transmissão oral, as sociedades civilizadas baseadas na escrita e as sociedades contemporâneas baseadas na informática. Três momentos da história humana, três modos de comunicação e transmissão, três modalidades temporais. O caráter esquemático dessa divisão é apenas provisório, como se verá adiante. É sabido que nas culturas primitivas o modo de armazenamento das informações consiste na repetição oral. Qualquer proposição que não seja periodicamente retomada e repetida em voz alta está condenada a desaparecer. A transmissão supõe, portanto, um incessante movimento de recomeço, de reiteração,

1. “O tempo foi considerado, por um longo período, como uma categoria universal e unívoca, quando na realidade estamos sempre às voltas com apreensões particulares e multívocas. O tempo universal não passa de uma projeção hipotética dos modos de temporalização referentes a módulos de intensidade – os ritornelos – que operam simultaneamente nos registros biológicos, sócio culturais, maquínicos, cósmicos etc.” (GUATTARI, 1990).

que ressoa com os ciclos sociais e cósmicos. Trata-se de um tempo circular, um eterno retorno, uma reatualização ritual de um imemorial. Tem-se aí, nessa forma cíclica, um devir indefinido, sem referências precisas e, sobretudo, sem flecha do tempo. Apesar de simplória, essa visão é cômoda para pensar a relação entre uma tecnologia de comunicação (oralidade), uma modalidade narrativa (reatualização ritual) e uma forma do tempo (cíclica).

O surgimento da escrita modifica completamente o enquadramento temporal. A ordem sequencial dos signos e a acumulação potencialmente infinita do *corpus* transmissível rompe o círculo da oralidade. A memória pessoal já não comporta tal carga virtualmente infinita, de modo que aquele limite inicial é ultrapassado em direção a uma memória coletiva inscrita. Assim, calendários, datas, anais, arquivos, ao instaurar referências fixas, permitem o nascimento da história direcionada. A forma narrativa perde sua eficácia, sua centralidade, e aquele devir indefinido que a caracterizava, sem ponto fixo, onde tudo volta, abre-se agora para uma dicotomia, aquilo que permanece e aquilo que passa, o presente e o passado, o ser e o devir. Também surge a possibilidade de se desenhar um declínio ou uma progressão, uma linha. A própria memória se separa do sujeito e é estocada, ficando disponível para a coletividade, suscetível de ser consultada, comparada etc. Com o surgimento da tecnologia da impressão, a própria ideia

COLEÇÃO OUTRAS PALAVRAS

Viver a cidade, transformar a vida urbana

ANTONIO RISÉRIO

Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias

MARGARETH RAGO

Conciliação, regressão e cidade

TALES AB'SABER

Carolina Maria de Jesus: literatura e cidade em dissenso

FERNANDA R. MIRANDA

Rizoma temporal

PETER PÁL PELBART

Da metrópole à aldeia: um trajeto de Antropologia Urbana

JOSÉ GUILHERME C. MAGNANI

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE

presidência ALVARO LUÍS PUNTONI, FERNANDO FELIPPE
VIÉGAS E MARTA MOREIRA

CONSELHO ESCOLA

diretoria CRISTIANE MUNIZ E MAIRA RIOS

CONSELHO CIENTÍFICO

diretoria ANÁLIA M. M. DE C. AMORIM E MARIANNA
BOGHOSIAN AL ASSAL

CONSELHO TÉCNICO

diretoria GUILHERME PAOLIELLO

CONSELHO HUMANIDADES

diretoria CIRO PIRONDI

CONSELHO SOCIAL

diretoria ANDERSON FABIANO FREITAS

EDITORA ESCOLA DA CIDADE

coordenação FABIO VALENTIM
MARINA RAGO MOREIRA, THAIS ALBUQUERQUE,
ALEXANDRE BASSANI E RICARDO KALIL

NÚCLEO DE DESIGN

coordenação CELSO LONGO E DANIEL TRENCH
DÉBORA FILIPPINI, BEATRIZ OLIVEIRA E GABRIEL DUTRA

MEIOS DIGITAIS E AUDIOVISUAL

coordenação ALEXANDRE BENOIT
coordenação baú CLARISSA MOHANY
FERNANDA TEIXEIRA, LUISA MARINHO E LÚMINA KIKUCHI



PETER PÁL PELBART

O tempo tem pontos de parada, rupturas, poços, chaminés de aceleração fulminante, rasgamentos, lacunas, tudo numa composição aleatória, numa espécie de desordem, ao menos visível. O tempo passa e não passa, filtra, percola (como quando se passa um líquido por uma substância), com contracorrentes e turbulências. Nem métrico nem geométrico: topológico. O tempo deveria ser pensado como um lenço amassado, não como um lenço passado.

editora

**escola
da cidade**